

A CIRCULAÇÃO E OS CIRCUITOS FUTEBOLÍSTICOS DE JOGADORAS BRASILEIRAS¹

Mariane da Silva Pisani²

Resumo: O presente artigo busca discutir, a partir dois conceitos teóricos e analíticos – “circulação futebolística” (RIAL, 2008) e “circuito” (MAGNANI, 2014) – , como e o(s) por que(s) as jogadoras brasileiras de futebol movimentam-se pelos estados do Sul e do Sudeste do Brasil. Pretendemos delinear um movimento – dentro dos vários possíveis e existentes – de “circulação futebolística” entre mulheres jogadoras e mostrar como esta circulação anuncia as equipes do Estado de São Paulo enquanto ponto central de um “circuito” futebolístico. As reflexões aqui apresentadas são fruto de oito anos de trabalho etnográfico desenvolvidos ao longo da formação da pesquisadora em Antropologia Social.

Palavras-Chave: Circulação futebolística; Circuito; Futebol; Mulheres; São Paulo

Abstract: This article aims to discuss, from two theoretical and analytical concepts – “soccer circulation” (RIAL, 2008) and “circuit” (MAGNANI, 2014) – how and why female Brazilian soccer players move around the southern and southeastern states of Brazil. We intend to delineate a movement of “soccer circulation” among female players and to show how this circulation announces the teams of the State of São Paulo as the central point of a soccer “circuit”. The reflections presented here are the result of eight years of ethnographic work developed during the formation and research in Social Anthropology.

Key Words: Soccer circulation; Circuit; Soccer; Women; Sao Paulo.

1 Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa.

2 Professora Doutora de Antropologia Social, Universidade Federal do Tocantins, marianepisani@gmail.com

Introdução

Desde o ano de 1997, quando foi publicada a primeira Dissertação sobre futebol e mulheres, até o ano de 2019, inúmeros programas de Pós-Graduação em todo Brasil produziram uma quantia expressiva de Dissertações (30)³ e de Teses (11)⁴ que

3 Dissertações produzidas por ano: **1997** – Título: Representações da mulher que joga futebol – Autora: Lucia da Costa Leite Reis – Local: Universidade Gama Filho – Área do Conhecimento: Educação Física. **2003** – Título: Futebol feminino: análise dos discursos dos sujeitos envolvidos em uma competição infantil entre escolas públicas em João Pessoa – PB – Autora: Lígia Luiz de Freitas. Local: Universidade Federal Paraíba. Área de Conhecimento: Educação | Título: Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol – Autor: Willington Antonio Giarola – Local: Universidade Metodista de Piracicaba – Área de Conhecimento: Educação Física | Título: As relações entre lazer, futebol e gênero – Autor: Eriberto José Lessa de Moura – Local: UNICAMP – Área de Conhecimento: Educação Física. **2005** – Título: Descrição e comparação de dois tipos de chute no futebol feminino através de variáveis angulares – Autora: Tatiane Thomaz – Local: UNESP – Área do Conhecimento: Ciências da Motricidade. **2007** – Título: Contribuição das forças musculares isocinéticas de joelho e tronco para aquisição da massa óssea em atletas de futebol feminino – Autora: Michele Forgiarini Saccol – Local: Universidade de São Paulo – Área do Conhecimento: Medicina. **2008** – Título: Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino – Autora: Raquel da Silveira – Local: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Área do Conhecimento: Educação Física. **2009** – Título: Mulheres praticantes de futebol amador: descortinado as relações de gênero – Autor: Carlos Geraldo das Neves – Local: Universidade Castelo Branco – Área do Conhecimento: Ciências da Motricidade | Título: Imprensa e futebol feminino no Brasil: a memória discursiva em campo – Autora: Rosângela de Sena Almeida – Local: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Área do Conhecimento: Memória Social. **2010** – Título: Entra aí pra completá: narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS – Autora: Cláudia Samuel Kessler – Local: Universidade Federal de Santa Maria – Ciências Sociais – Área do Conhecimento: Ciências Sociais | Título: Mulheres da classe alta no futebol: o caso do Nova Iguaçu Country Club – Autor: Carlos Eduardo Naliato Melillo – Local: Universidade Gama Filho – Área do Conhecimento: Educação Física. **2011** – Título: Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol – Autora: Mariane da Ailva Pisani – Local: Universidade Federal de Santa Catarina – Área do Conhecimento: Antropologia | Título: Mulheres em campo: novas representações sobre futebol e identidades – Autora: Lara Tejada Stahlberg – Local: UFSCar – Área do Conhecimento: Antropologia. **2012** – Título: Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no esporte clube radar durante a década de 1980 – Autora: Caroline Soares de Almeida – Local: Universidade Federal de Santa Catarina – Área do Conhecimento: Antropologia | Título: Novo mundo futebol clube e o “velho mundo” do futebol: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadora de futebol – Autora: Leila Salvini – Local: Universidade Federal do Paraná – Área do Conhecimento: Educação Física | Título: O percurso de mulheres como técnicas esportivas no Brasil – Autora: Heidi Jancer Ferreira – Local: Universidade Federal Viçosa – Área do Conhecimento: Educação Física. **2013** – Título: Futsal feminino e educação: o que a experiência ensina? – Autora: Juliana Gomes Jardim – Local: UNESP – Área do Conhecimento: Educação | Título: Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino – Autora: Caroline Valente Heidrich – Local: Universidade Federal de Pelotas – Área do Conhecimento: Educação Física. **2014** – Título: Periguetes, sapatões e mulherzinhas: (des)construindo o que “ser mulher” no campo de futebol – Autora: Valleria Araujo de Oliveira – Local: Universidade Federal de Goiás – Área do Conhecimento: Antropologia. **2015** – Título: A cobertura acerca da Seleção de Futebol Feminino realizada pelo caderno de Esportes da Folha de São Paulo (1991-2011) – Autor: Bruno José Gabriel – Local: Universidade Estadual de Ponta Grossa – Área do Conhecimento: Cidadania e Políticas Públicas | Título: Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983) – Autora: Giovanna Capuccin Silva – Local: Universidade de São Paulo – Área do Conhecimento: História | Título: O olhar feminino sobre o futebol: das questões de gênero à reestruturação do Habitus no interior da escola – Autora: Mariana Toscano Aggio – Local: Universidade de Araraquara – Área do Conhecimento: Educação. **2016** – Título: A Mídia esportiva e o futebol de mulheres no Brasil: o que noticiam sobre elas? – Autora: Tayane Mockdece Rihan – Local: Universidade Federal de Juiz de Fora – Área do Conhecimento: Educação Física | Título: A mulher no futebol: o bullying e o cyberbullying no contexto de gênero – Autora: Renata de Andrade Teixeira – Local: Universidade Estadual Paulista (Rio Claro) – Área do Conhecimento:

abordam o futebol praticado por mulheres a partir de diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Esses trabalhos estão distribuídos em diversas áreas do conhecimento: Fisiologia, Educação Física, Comunicação, Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, Educação, Letras, Artes dentre outras.

Cabe aqui ressaltar algumas das temáticas recorrentemente exploradas nestes trabalhos. Algumas das autoras⁵ já discorreram sobre as precariedades e sobre os desafios enfrentados por mulheres que escolhem o futebol como profissão e como forma de lazer, respectivamente; outras autoras, por sua vez, escreveram sobre as questões de Gênero e de sexualidade implicadas nesta

Desenvolvimento Humano e Tecnologias. **2017** – Título: Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar: atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado – Autora: Maria Thereza Oliveira Souza – Local: Universidade Federal do Paraná – Área do Conhecimento: Educação Física | Título: Uso de meias de compressão em jogo de futebol feminino e sua implicação na recuperação aguda – Autora: Larissa Neves Pavin – Local: Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Área do Conhecimento: Educação Física. **2018** – Título: As margens de uma revista esportiva: a seleção brasileira de futebol feminino nas páginas da placar (1991-2015) – Autora: Marcela Caroline Pereira – Local: Universidade Estadual de Ponta Grossa – Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicada | Título: Os imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino projetados na imprensa brasileira: um estudo do site ESPN – Autora: João Marcos Coelho – Local: Universidade Federal de São João del-Rei – Área do Conhecimento: Teoria Literária e Crítica da Cultura | Título: COBERTURA MIDIÁTICA DAS OLIMPÍADAS RIO 2016: construção da imagem da jogadora de futebol pela imprensa no Brasil e nos Estados Unidos – Autora: Clarissa Carramilo Raposo – Local: Universidade Federal do Maranhão – Área do Conhecimento: Ciências Sociais | Título: Que futebol é esse? Uma análise das representações do futebol feminino no site GLOBOESPORTE.COM – Autor: Lucas Brum Correa – Local: Universidade Federal de Santa Maria – Área do Conhecimento: Comunicação.

4 Teses produzidas por ano: **2006** – Título: Femininos e masculinos no futebol brasileiro – Autor: Jorge Dorffman Knijnik – Local: Universidade de São Paulo – Área do Conhecimento: Psicologia. **2010** – Título: Meninas que jogam bola: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer – Autor: Alexandre Jacson Chan Viana – Local: Universidade Gama Filho – Área do Conhecimento: Educação Física | Título: Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico – Autor: Marcelo Pizarro Noronha – Local: Universidade Vale do Rio dos Sinos – Área do Conhecimento: Ciências Sociais. **2012** – Título: As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 – 1990) – Autora: Eny Vieira Moraes – Local: PUC de São Paulo – Área do Conhecimento: História | Título: A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina – Autor: Felipe Rodrigues da Costa – Local: Universidade Gama Filho – Área do Conhecimento: Ciências do Esporte. **2013** – Título: Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade – Autor: Osmar Moreira de Souza Jr. – Local: UNICAMP – Área do Conhecimento: Educação Física. **2015** – Título: Mais que Barbies e ogas: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e EUA – Autora: Cláudia Kessler – Local: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Área do Conhecimento: Antropologia | Título: Representações Sociais de estudantes do ensino médio sobre a prática do futebol por mulheres: interseccções entre gênero, corpo e sexualidade – Autora: Karina de Toledo Araujo – Local: Universidade Estadual de Maringá – Área do Conhecimento: Educação. **2017** – Título: O Club Sportivo Feminino e as formas de sociabilidade para as mulheres da elite em Aracaju (1919-1926) – Autora: Marilaine Lopes de Almeida – Local: Universidade Federal da Bahia – Área do Conhecimento: Educação. **2018** – Título: “Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo – Autora: Mariane da Silva Pisani – Local: Universidade de São Paulo – Área do Conhecimento: Antropologia | Título: Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras – Autora: Caroline Soares de Almeida – Local: Universidade Federal de Santa Catarina – Área do Conhecimento: Antropologia.

5 Utilizo a palavra no feminino uma vez que a maioria das produções sobre o futebol de mulheres foi feito, até o presente momento, por mulheres pesquisadoras nas mais diversas áreas do conhecimento.

modalidade; outras ainda resgataram a história da modalidade e as principais personagens de deste esporte; existem aquelas que observaram e descreveram os processos de migração internacional das atletas; existem outras que desvelam as relações étnico-raciais na modalidade; algumas escrevem sobre o futebol de mulheres a partir de uma perspectiva fisiológica abordando questões como rendimento, força e flexibilidade; outras, por fim, analisam como a imprensa brasileira e internacional realiza a cobertura e propaga a modalidade na linguagem jornalística. A produção destes trabalhos, portanto, consolida a prática futebolística como um campo de estudos legítimo para reflexões mais profundas sobre mulheres no Brasil.

O presente artigo, contudo, insere-se naquilo que considero uma “lacuna” sobre os estudos futebolísticos que pensam a presença da mulher como objeto central de análise. Ou seja, este artigo, busca aprofundar algumas questões relativas aos circuitos nacionais construídos e vivenciados por mulheres brasileiras jogadoras de futebol, sobretudo aquelas que atuam em equipes localizadas no eixo Sul-Sudeste do Brasil. Essa discussão atravessa, mesmo que maneira tímida e inicial, alguns dos trabalhos – Dissertações e Teses – já produzidos em âmbito nacional.

O esforço, portanto, é ampliar a reflexão incluindo outras observações etnográficas que já foram realizadas em estados do Sul e do Sudeste do Brasil. Para tal iremos retomar algumas das produções elencadas e já realizadas. Incluiremos também algumas das nossas próprias observações em campo. Pretendemos delinear um movimento – dentro dos vários possíveis e existentes – de “circulação futebolística” entre mulheres jogadoras e mostrar como esta circulação anuncia as equipes do Estado de São Paulo enquanto ponto central de um “circuito” futebolístico.

Cabe advertir que é evidente que jogadoras da região Norte, Nordeste e Centro Oeste do país também realizam movimentos de “circulação” e estabelecem seus próprios “circuitos” futebolísticos. Contudo, talvez à exceção da tese de Eny Vieira Moraes que descreve o futebol dos anos 1980/90 na Bahia (MORAES, 2012), poucos são os trabalhos que problematizam e evidenciam o futebol de mulheres nessas regiões que não são pertencentes ao eixo Sul-Sudeste. Fica o convite, portanto, para o desenvolvimento de novas pesquisas nestas regiões.

Ainda sobre o futebol de mulheres praticado na região Norte do Brasil, cabe lembrar que no mês de Novembro do ano de 2013,

alguns antropólogos do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade de São Paulo (USP), etnografaram durante uma semana – no Estado do Amazonas, cidade de Manaus – o futebol amador masculino e feminino de atletas manauaras indígenas e não indígenas⁶. Naquela época algumas reflexões emergiram sobre esse processo de “circulação futebolística”. Dentre elas, destaque a centralidade que Estado de São Paulo e suas inúmeras equipes de futebol de mulheres ocuparam nas narrativas locais. São Paulo e suas equipes de futebol de mulheres foram citados por diversas vezes pelas atletas manauaras, estas evidenciavam como as equipes paulistas são reconhecidas como espaço legítimo para a prática e para o desenvolvimento de melhores habilidades futebolísticas entre mulheres.

“Circulação futebolística de sucesso”: Mulheres jogadoras do eixo Sul-Sudeste do Brasil

Inicialmente faz-se necessário apresentar a categoria analítica de “circulação futebolística” – desenvolvida nos trabalhos da antropóloga Carmen Rial – bem como expor algumas das dificuldades que são enfrentadas por jogadoras nesse processo de circulação – que aparecem em outros trabalhos de cunho etnográfico. Utilizada para descrever os processos de circulação/rodar de jogadores (homens) de futebol, a categoria de “circulação futebolística” foi assim apresentada por Rial:

“a carreira futebolística é um projeto familiar (...) o ingresso no sistema futebolístico realiza-se através de diferentes vias, mas as mais comuns são as de os jogadores se apresentarem para as seleções organizadas por clubes (“peneiras”) ou serem observados por um especialista em detectar talentos (“olheiro”), que representa um clube ou conhece representantes de um clube (...) saída de casa é o início de sua circulação, o começo do *rodar*, onde a fronteira superada é a do círculo familiar e do círculo de vizinhança. O deslocamento geralmente leva-os para uma cidade vizinha maior, mas não é incomum os casos em que vão para muito longe de casa, em outro estado e até outra região, uma orientação da circulação no sentido periferia-centro” (RIAL, 2008).

⁶ Para conhecer mais ver o trabalho: CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. A cidade do futebol. Etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. 2014.

Assim como os homens, as mulheres jogadoras de futebol também realizam esse movimento – descrito por Carmen Rial – ao longo de suas trajetórias. A “circulação futebolística” de mulheres já foi demonstrada de maneira muito particular em algumas das teses já produzidas no Brasil (VIERA MORAES, 2012; SOUZA JR, 2013; KESSLER, 2015; ALMEIDA, 2018). Nestes trabalhos fica evidente que, assim como os jogadores homens, as mulheres jogadoras também buscam a ascensão social da família através do futebol. Sobre este tópico cabe destacar o trabalho da antropóloga Caroline Soares de Almeida. A autora nos mostra que jogar, torna-se profissional e ter sua subsistência – bem como a de seus familiares – garantida e proporcionada através do futebol, faz parte de uma negociação muito particular do indivíduo – no caso das jogadoras de futebol – com outros projetos individuais (ou coletivos). Ou seja, está em “jogo” uma constante e contínua articulação dos sonhos pessoais – das jogadoras e de seus familiares – e as concretas possibilidades existentes no meio futebolístico (ALMEIDA, 2018, p. 59).

Outro trabalho que aborda a temática é o desenvolvido pela antropóloga Cláudia Kessler. Ao etnografar e comparar o futebol praticado por mulheres na cidade de Porto Alegre (Brasil) e na cidade de Amherst (Estados Unidos da América), ressalta que “existe a circulação de jogadoras entre os mundos futebolísticos” (KESSLER, 2015, p.102). Essa “circulação futebolística”, por sua vez, constitui hierarquias valorativas que posicionam as atletas em estágios diferentes de prestígio e status (KESSLER, 2015). Ou seja, dependendo do lugar, times e/ou equipes aonde atuam as jogadoras, segundo a autora, estabelecem um circuito particular de trocas. Nesses circuitos, por sua vez, se compartilham laços interpessoais significativos (KESSLER, 2015).

No mesmo sentido, nos fala Almeida, quanto mais uma jogadora “roda” ou “circula” “mais experiência ela adquire e, assim, atinge estágios mais avançados de sua carreira” (ALMEIDA, 2018, p 60). Ainda segundo Almeida, um forte apego aos círculos de origem – familiar e de vizinhança, que nos fala Rial – faz com que as jogadoras tenham dificuldades de adaptação nos novos lugares de atuação. A autora conclui nos dizendo que na perspectiva futebolística essa dificuldade de adaptação “muitas vezes é interpretado enquanto um caso de insucesso na carreira profissional” (ALMEIDA, 2018, p.60).

Realizo etnografia com mulheres jogadoras de futebol desde o ano de 2011, à época ainda enquanto discente de Mestrado em

Antropologia Social. As mulheres que compuseram aquela dissertação eram atletas que atuavam, à época, no interior do Estado do Paraná. Foi junto delas que pude compreender que mulheres jogadoras “circulam” dentro do Brasil – e algumas vezes “rodam” internacionalmente também – em busca de clubes, equipes e/ou times que proporcionem *condições dignas*⁷ de atuação esportiva. Entre as condições dignas as jogadoras elencavam: bons salários; treinadores e comissão técnica preparados para atuar com profissionalismo⁸; alojamento e residência salubre para as atletas; possibilidades de inserção em campeonatos nacionais e internacionais; presença de patrocinadores que proporcionam maior visibilidade no mercado do futebol.

Para aquelas jogadoras, o processo de “circulação futebolística” de sucesso implicava em ter feito parte de alguma equipe do Sudeste, especificamente do Estado de São Paulo. Segundo elas, as equipes do Estado de São Paulo eram mais bem preparadas para formar e profissionalizar jogadoras de futebol uma vez que possuíam os atributos elencados e desejados pelas atletas.

As equipes do Estado de São Paulo, segundo as jogadoras que atuavam no Estado do Paraná, possuíam um *diferencial* e, portanto, formavam atletas diferenciadas. Os termos diferencial e diferenciadas apareceram como características positivas entre aquelas mulheres e ajudavam a marcar a diferença entre as atletas que eram consideradas boas e bem preparadas das que não eram assim consideradas. Cabe dizer que entre aquelas jogadoras do Paraná que não haviam jogado no Estado de São Paulo, o desejo de atuar em equipes paulistas era visível, uma vez que estas equipes eram percebidas como uma espécie de *vitrine*⁹ que lhes aumentaria a possibilidade de uma convocação para a Seleção Brasileira de Futebol.

É interessante perceber que tanto as atletas manauras quando atletas paranaenses, indicam que jogar no Estado de São Paulo –

7 As categorias êmicas – provenientes das falas das interlocutoras de pesquisa – aparecerão daqui por diante grifadas em itálico.

8 Não raros foram os casos de relato de assédio moral e sexual praticados por treinadores e comissão treinadora. Cabe dizer que esta não foi uma declaração exclusiva das atletas do estado do Paraná, mas de diversas atletas com as quais convivi nos últimos anos de etnografia entre mulheres jogadoras de futebol.

9 Vitrine é como as atletas chamam as equipes e os clubes que podem projetá-las ou mesmo oferecer mais visibilidade para sua prática esportiva. Facilitando, assim, uma convocação para Seleção Brasileira de Futebol Feminino.

em alguma das suas equipes – constitui-se como um momento crucial e extremamente importante na “circulação futebolística” de mulheres jogadoras.

Sabe-se que o Campeonato Paulista de Futebol Feminino é uma das maiores competições estaduais brasileiras (ALMEIDA, PISANI, 2015). A primeira edição do campeonato ocorreu em 1984 e o torneio teve apenas dois hiatos – de 1988 a 1996 e no ano de 2003 –, desta foram realizadas, portanto, 27 edições. Neste campeonato, destacam-se ao longo das edições os seguintes times que foram campeões: São José de São José dos Campos (campeã no ano de 2015); Rio Preto de São José do Rio Preto (campeã nos anos de 2017 e de 2016); Santos de Santos (campeã no ano de 2018); Corinthians de São Paulo Capital (campeã nos anos de 2019). Além destes, outras equipes também marcam presença no campeonato (algumas desde a sua primeira edição): Centro Olímpico de São Paulo Capital; Portuguesa de São Paulo Capital; Ferroviária de Araraquara; São Paulo de São Paulo Capital; Juventus de São Paulo Capital; Audax de Osasco; Palmeiras de São Paulo Capital, Ponte Preta de Campinas; Taubaté de Taubaté.

Quando se trata do cenário nacional futebolístico de mulheres a prevalência das equipes do Estado de São Paulo se sobressai. Do ano de 2007 ao ano de 2016, foram realizadas 10 edições da competição Copa do Brasil de Futebol Feminino. Seis, das dez edições, foram vencidas pelas equipes do Estado de São Paulo: Corinthians/Audax (2016), Ferroviária (2014), São José (2012 e 2011), Santos (2009 e 2008). Da mesma forma ocorre no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino – que acontece desde o ano de 2013 – das sete edições realizadas, seis tiveram equipes campeãs oriundas do Estado de São Paulo: Centro Olímpico (2013), Ferroviária (2014 e 2019), Rio Preto (2015), Santos (2017) e Corinthians (2018).

O significativo número de vitórias – nos campeonatos nacionais – alcançado pelas equipes paulistas é bastante revelador sobre a estrutura esportiva do futebol de mulheres no Estado de São Paulo. No mundo do futebol (seja ele masculino ou feminino), sabe-se que uma equipe não consegue chegar à vitória em quaisquer condições de treinamento e trabalho. Desta forma para alcançar bons resultados é crucial que as atletas treinem diariamente, mais de uma vez por dia. Para isso, faz-se necessário um espaço apropriado para tal fim. Este geralmente é composto por quadras, academias e espaços de fisioterapia. Não por acaso,

as equipes paulistas vencedoras dos campeonatos nacionais possuem esse complexo esportivo à disposição de suas atletas.

As atletas, por sua vez, precisam receber salário. Este nem sempre condiz com valor esperado por elas (PISANI, 2011), mas seguem a seguinte lógica: jogadoras que já atuaram e/ou ainda atuam na Seleção Brasileira de Futebol Feminino recebem os maiores salários¹⁰. Logo em seguida vem o salário das jogadoras que mais pontuam (fazem gols) e ou dão assistências (passes, defesas) durante os jogos; ou seja, aquelas jogadoras que mais se destacam nas partidas por suas habilidades esportivas. Por último vem o salário daquelas recém ingressas na equipe e que não realizaram ainda uma “circulação futebolística” tão proeminente. Além do salário, existe o *bicho*¹¹ que as jogadoras recebem ao final das partidas e que servem como um estímulo a mais durante os jogos e partidas. Além da questão monetária, para alcançar bons resultados é imprescindível que tanto os treinadores quanto a comissão técnica estejam aptos para o desenvolvimento das atividades previstas antes, durante e depois dos jogos.

Esses são alguns dos elementos que constituem um *diferencial* para uma equipe de futebol praticado por mulheres no Brasil. Nesse sentido, pode-se afirmar que a maioria das equipes paulistas possuem o *diferencial* de que nos falamos as jogadoras de outros estados. Estando, portanto, grande parte das equipes do Estado de São Paulo preparadas para receber e treinar mulheres jogadoras de futebol, faz-se evidente que outras jogadoras de outros estados desejem atuar em São Paulo. Circular por entre equipes como Centro Olímpico, Ferroviária, Santos ou mesmo Corinthians é colocar-se na *vitrine*, é colocar-se também em uma hierarquia valorativas da qual nos fala Kessler e, por fim, é dar um passo em direção à concretização do projeto familiar e em direção ao estágio mais avançado na carreira de jogadora, de que nos fala Almeida, que almeja prestígio e status através do futebol.

10 Não é preciso dizer que para ser convocada à Seleção Brasileira de Futebol Feminino a atleta precisa ter “circulado” em equipes – brasileiras ou estrangeiras – com bons índices de vitória em competições estaduais, nacionais e internacionais.

11 Bicho é nome de uma premiação extra – em dinheiro – concedida às jogadoras que marcam gols em dias de jogo. Essa premiação é realizada pela diretoria da equipe/time e, de certa maneira, serve como um estímulo para que as atletas *dêem tudo de si* dentro de campo.

A circulação futebolística e o estabelecimento dos circuitos futebolísticos de mulheres jogadoras de futebol

A partir da leitura e análise atenta dos trabalhos de Rial, Almeida e Kessler, podemos afirmar que a circulação futebolística das mulheres implica em: Primeiro lugar, em deslocamentos físicos entre cidades e estados de origem em direção a “centros” de formação; Segundo lugar, a aquisição de experiência esportiva e profissional; Terceiro lugar, o alcance de estágios mais avançados na carreira esportiva e, por consequência, atuação em times mais estruturados.

A jogadora que circula, portanto, insere-se em uma hierarquia esportiva que implica prestígio, melhores salários, presença de patrocinadores e status profissional. Essa circulação futebolística, contudo, não é aleatória ou mesmo realizada a esmo. Esta segue uma lógica que obedece o que denominaremos daqui por diante como “circuito” ou, de maneira mais precisa, “circuito futebolístico de mulheres”.

A categoria circuito foi elaborada pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani. Segundo o autor, esta categoria implica na compreensão das diferentes dinâmicas existentes em uma cidade – geralmente uma metrópole – bem como na apreensão das regularidades e dos arranjos de seus moradores em seu cotidiano (MAGNANI, 2014). Magnani nos explica ainda que a noção de circuito nos permite

“vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial (...) liga pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência – mesmo na vastidão da cidade de São Paulo – e desta forma construir unidades analíticas mais consistentes” (MAGNANI, 2014).

Cabe dizer que neste artigo a categoria circuito é aplicada para além de uma circunscrição em uma cidade específica. A categoria de circuito, portanto, aparece ampliada e elevada a nível nacional. Desta forma o estado de São Paulo emerge como ponto principal no circuito futebolístico de mulheres. Jogar e atuar em alguma equipe paulista é extremamente desejado por diversas atletas brasileiras. Da mesma forma, jogar e atuar no Estado de São Paulo, constitui-se enquanto etapa crucial e necessária no processo de formação profissional de jogadoras.

Neste artigo, já foi dito que nas narrativas de jogadoras do estado do Paraná (PISANI, 2011) as equipes de São Paulo apareciam como centros de excelência para formação e treinamento de jogadoras de futebol. O COTP foi diversas vezes lembrado por essas atletas enquanto excelente equipe para se iniciar a carreira de jogadora de futebol e também para aperfeiçoar habilidades esportivas. Para demonstrar a importância de equipes paulistas no processo de circulação e no estabelecimento do circuito futebolístico de mulheres jogadoras, traremos como exemplo etnográfico o trabalho desenvolvido na equipe Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP), localizada na cidade de São Paulo.

O COTP está localizado nas proximidades do Parque Ibirapuera e foi um dos contextos mais formalizado e institucionalizado de prática esportiva que pude etnografar ao longo dos últimos anos de trabalho com jogadoras de futebol. O COTP está subordinado à Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da Prefeitura de São Paulo (SEME-PMSP) e tem por objetivo treinar e aperfeiçoar tecnicamente jovens atletas em diversas modalidades esportivas. Criado em 3 de fevereiro de 1976, o COTP desenvolve as seguintes modalidades: atletismo, basquete, boxe, futebol, ginástica artística, handebol, judô, luta olímpica, natação e vôlei.

Já nas primeiras idas a campo, no ano de 2012, descobri que aproximadamente 100 atletas – com idades entre 13 e 25 anos – treinam na modalidade do Futebol Feminino. Os treinos acontecem da seguinte maneira: as atletas do Sub-13 treinam duas vezes por semana, às segundas e quartas-feiras, das 14h às 16h; as do Sub-15, três vezes por semana, às segundas, quintas e sextas-feiras, das 14h às 18h; já as jogadoras do Sub-17, quatro vezes por semana, às segundas, terças, quartas e sextas-feiras, das 14h às 18h e, por fim, a Equipe Principal treina de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h. Nota-se a diferença de tempo dedicado ao treinamento de acordo com a faixa etária.

Ainda no ano de 2013, algumas das atletas do Sub-17 já estavam com contratos assinados para disputarem campeonatos no exterior – nos Estados Unidos – a partir do segundo semestre daquele ano. Cabe dizer ainda que as categorias de base recebem apoio financeiro da Prefeitura Municipal de São Paulo, à exceção da Equipe Principal, mantida e patrocinada por empresas privadas.

À época, as jogadoras das categorias de base do COTP recebiam alguns benefícios ao serem selecionadas para atuar na

equipe. Dentre eles o fornecimento do material esportivo e de lanches durante as atividades físicas; a disponibilidade de atendimento por um fisioterapeuta para tratar das lesões ocorridas durante os treinos e/ou jogos; bem como vale-transporte. Esse último, soube, era concedido levando em consideração a renda familiar da jogadora, a distância percorrida por elas entre residência/treino/residência e a necessidade de conceder alguma forma de incentivo para que não faltassem aos treinos. Isso demonstrou que a maioria das atletas era proveniente das classes mais baixas e não residiam no bairro onde o COTP estava localizado.

Muitas delas provinham de outros estados brasileiros e precisavam encontrar e fixar moradia na cidade. Aquelas que eram naturais da cidade paulistana, vinham de bairros considerados periféricos e afastados do campo de treino e jogo e precisavam, portanto, percorrer a cidade através dos trens metropolitanos, bem como dos metrô e ônibus municipais. Poucas dessas atletas de base compareciam aos treinos durante a semana acompanhadas do pai, da mãe e/ou algum responsável. Ou seja, a maioria delas chegavam sozinhas para treinar. Já nos dias de jogos – geralmente aos finais de semana –, muitas vezes pude presenciar os pais, mães e/ou responsáveis nas arquibancadas acompanhando as partidas. Esse dado indica – de acordo com os horários de treino das categorias de base – que os pais, as mães e/ou os responsáveis dessas atletas estavam em horário de trabalho enquanto as filhas treinavam.

Considerando esse requisito e os horários de treino – na parte da tarde –, muitas das jogadoras estudavam na parte da manhã. Diversas vezes vi as jogadoras das categorias de base chegarem ao COTP trajando seus uniformes escolares. Essa cena repetiu-se muitas vezes durante o tempo que permaneci em campo nesta equipe específica. Assim pude notar que a grande maioria delas estudava nos colégios públicos municipais e estaduais da cidade de São Paulo. Todas as jogadoras das categorias de base, no tempo em que realizei trabalho de campo no COTP eram negras.

O técnico responsável pelo treinamento da equipe Principal do COTP, no ano de 2013, era o *professor*¹² Arthur Elias¹³. Ele elaborou

12 Professor é um termo utilizado pelos jogadores e jogadoras de futebol para se referirem a juizes e técnicos.

13 Desde o ano de 2016, Elias atua como técnico da equipe de futebol feminino do Corinthians. Elias é apelidado de "Rei" pelas atletas da equipe uma vez que, somente no ano de 2019, levou os principais títulos da modalidade: Libertadores e Campeonato Estadual Paulista (Paulistão). Arthur

uma metodologia de treinamento que integrava todas as categorias em um trabalho de preparação contínuo e constante visando à profissionalização e melhor preparação atlética daquelas jogadoras. Foi a partir do trabalho dele que muitas das atletas do COTP foram convocadas pela CBF para atuar na Seleção Brasileira nas categorias Sub-15 Sub-17 e Sub-20. Somente no ano de 2013, mais de trinta atletas foram convocadas para integrar as equipes da Seleção Brasileira. Trata-se portanto de um contexto de maior destaque e profissionalização.

A visibilidade do COPT – ainda no ano de 2013 – pode ser exemplificada pelo interesse da BBC (British Broadcasting Corporation) em fazer uma matéria sobre a equipe. Em abril daquele ano, Jason Margolis, repórter e correspondente desta emissora de rádio e televisão, chegou ao COTP para realizar entrevistas com algumas jogadoras de base. O objetivo dele era mostrar como o país que iria sediar no ano seguinte a 20ª Copa do Mundo de Futebol (de homens!) encorajava meninos a jogar bola desde muito cedo, mas não fazia o mesmo quando se tratava de meninas. Do ano de 2013 para cá o COTP continua ocupando espaço nas grandes mídias esportivas nacionais e internacionais.

Assim como o COTP – equipe da capital –, equipes de todo o estado de São Paulo – como, por exemplo, São José e Ferroviária – desenvolvem esse trabalho minucioso e cuidado para a formação de jogadoras de futebol de alto rendimento. De alguma maneira, o trabalho desenvolvido pelas equipes do Estado de São Paulo impulsiona a carreira de mulheres jogadoras e faz com que elas alcancem prestígio e status profissional. Além disso, dada estas observações etnográficas, compreende-se os motivos pelos quais as equipes paulistas são elencadas pelas atletas como pontos – desejados – no circuito futebolístico de mulheres. Ou seja, atuar em alguma equipe que possui boa infraestrutura é crucial para a formação e profissionalização de jogadoras de futebol.

Para além do suporte estrutural e econômico – vale lembrar que as jogadoras da Equipe Principal do COTP recebem salários –, ao atuar em uma equipe como esta faz com que a possibilidade de convocação para a Seleção Brasileira de Futebol Feminino

coleciona ainda a marca de 45 jogos de invencibilidade pela equipe do Corinthians, consolidando assim um trabalho extremamente importante no futebol brasileiro de mulheres.

amente. Ou seja, atuar em equipes do Estado de São Paulo as deixa mais perto da tão desejada e sonhada Seleção Brasileira de Futebol Feminino – esta, por sua vez, percebida como ápice de suas trajetórias esportivas.

Conclusões

Foi após longo e intenso trabalho de campo junto as mulheres jogadoras de futebol que pude perceber que a circulação futebolística delas é estreitamente orientada e alinhada a partir da prática esportiva que visa a profissionalização¹⁴. Circular pelo país, em busca de melhores condições de jogo e treino, as leva – vias de regra – as equipes do Estado de São Paulo. As razões para esta escolha são variadas:

- a) são equipes que proporcionam melhor infraestrutura para desenvolvimento das habilidades esportivas, uma vez que contam com espaços adequados para os treinos, bem como com bons treinadores e comissão técnica;
- b) são equipes que conseguem se inserir em grandes campeonatos, sejam eles estaduais, nacionais e internacionais;
- c) são equipes que proporcionam às atletas status e prestígio, não apenas pela sua infraestrutura, mas também pela sua inserção econômica no mundo futebolístico de mulheres.

Essas questões quando aliadas, fazem com que as jogadoras elejam, portanto, as equipes do Estado de São Paulo como ponto crucial no circuito futebolístico de mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Caroline Soares [2018] *Do Sonho Ao Possível: Projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

ALMEIDA, Caroline Soares. PISANI, Mariane da Silva Pisani [2015] “Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil” In *Labrys, estudos feministas* [Online]. Vol 28.

14 O futebol considerado – por elas – enquanto prática profissional implica, obrigatoriamente, na construção de um corpo atlético. Este corpo, marcado por treinos, repetições, dor, sacrifício. O corpo, enquanto objeto de análise e estudo para a Antropologia, rende outros artigos científicos. Estes devem ser construídos não só por esta autora, mas por outros acadêmicos que se dedicam à questão. Fica aqui, portanto, a indicação de que ainda há muito para pensar e para escrever sobre o futebol praticado por mulheres.

KESSLER, Cláudia Samuel. [2015] *Mais Que Barbies E Ogras: Uma Etnografia Do Futebol De Mulheres No Brasil E Nos Estados Unidos*. Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. [2014] "O Circuito: proposta de delimitação da categoria" In *Ponto Urbe* [Online]. São Paulo. Vol.15.

MORAES, Eny Vieira. [2012] *As mulheres também são boas de bola: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 - 1990)*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

PISANI, Mariane da Silva. [2011] *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

RIAL, Carmen [2008] "Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior" In *Horizontes Antropológicos* [Online]. Porto Alegre vol.14 no.30.